
A TEOLOGIA LATINO-AMERICANA DA LIBERTAÇÃO E O PARADIGMA DECOLONIAL

THE LATIN AMERICAN THEOLOGY OF LIBERATION AND THE DECOLONIAL PARADIGM

Flávia Ribeiro Amaro¹

Resumo

O presente artigo visa refletir sobre a trajetória de atuação da Teologia da Libertação. Busca-se apresentar um panorama analítico, que parte de seu surgimento na década de 1960 e se estende até as suas configurações atuais. O objetivo é compreender como o movimento teológico, político e pastoral se estruturou e vem se articulando nos âmbitos brasileiro e latino-americano e quais problemas tem motivado a sua organização e intervenção na sociedade. Postula-se aqui, que dentre os seus desdobramentos no campo epistêmico está a institucionalização das ciências da religião no Brasil, bem como que seus pressupostos ideológicos e práticos inspiraram as reflexões do grupo de estudos Modernidade/Colonialidade, que tem como mote central a luta anticolonial. Contextualiza-se que, com o passar do tempo a Teologia da Libertação ampliou o seu escopo de reflexão e ação, pois seu engajamento antes voltado preferencialmente pelos pobres foi atualizado, passando a angariar novos sujeitos socioculturais, temáticas e demandas, que por sua vez, se alinham à perspectiva dos paradigmas decolonial e intercultural. Defende-se que, no que diz respeito ao campo religioso, a junção da Teologia da Libertação com o paradigma decolonial/intercultural corrobora para o reconhecimento e fortalecimento do pluralismo, além do combate à intolerância e aos fundamentalismos, comprometendo-se com o fomento do diálogo inter-religioso. Tal postura que associa teoria e prática é encarada como uma estratégia de enfrentamento às lógicas opressoras ocidentais, responsáveis por infligirem processos de colonialidade do poder, do saber e do ser. A discussão que se propõe é amparada por uma ampla revisão bibliográfica, contando com a leitura de obras de teólogos, cientistas da religião e demais pensadores das ciências humanas.

Palavras-chave: Ciências da religião. Decolonialidade. Interculturalidade. Teologia da Libertação.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia, mestra e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pós-doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: flavia.ramaro@gmail.com.

Abstract

This article aims to reflect on the trajectory of liberation theology. It seeks to present an analytical panorama, which is part of its emergence in the 1960s and extends to its current configurations. The objective is to understand how the theological, political, and pastoral movement has been structured and has been articulated in the Brazilian and Latin American spheres and what problems have motivated its organization and intervention in society. It is postulated here that among its developments in the epistemic field is the institutionalization of the sciences of religion in Brazil, as well as that its ideological and practical assumptions inspired the reflections of the study group Modernity/Coloniality, which has as its central motto the anticolonial struggle. It is contextualized that, over time, Liberation Theology expanded its scope of reflection and action, because its engagement was preferably directed by the poor was updated, starting to attract new sociocultural subjects, themes and demands, which in turn align with the perspective of decolonial and intercultural paradigms. It is defended that, with regard to the religious field, the combination of Liberation Theology with the decolonial/intercultural paradigm corroborates the recognition and strengthening of pluralism, in addition to combating intolerance and fundamentalisms, committing itself to the promotion of interreligious dialogue. This posture that associates theory and practice is seen as a strategy of confronting the oppressive Western logics, responsible for inflicting processes of coloniality of power, knowledge and being. The discussion that is proposed is based on a broad bibliographic review, recounting the reading of works of theologians, scientists of religion and other thinkers of the human sciences.

Keywords: Religion sciences. Decoloniality. Interculturality. Liberation Theology.

Introdução

A Teologia da Libertação (TdL) surge na América Latina em resposta à opressão exercida pelo “sistema mundo” europeu sobre as minorias marginalizadas e subalternizadas do continente. No passado, a TdL voltava-se àqueles sujeitos sociais considerados “pobres” – classificação que abarcava os povos originários indígenas, os criollos, os camponeses e o proletariado, contudo, atualmente, essa categorização foi ampliada, passando a incluir outras minorias oprimidas, tais como as de caráter étnico, de gênero, geográficas etc., ressaltando a necessidade da atenção às suas respectivas demandas socioculturais, além de evidenciar a causa ecológica.

Trata-se da defesa de uma teologia crítica, sensível, comprometida com as causas populares, capaz de refratar a teologia cristã colonial convencional e se inserir engajadamente na sociedade, a partir da proposição de uma espiritualidade e de uma práxis transformadora, o que envolve para além da atenção aos oprimidos, o reconhecimento do pluralismo, o combate à intolerância e aos fundamentalismos e a promoção do diálogo inter-religioso.

Nesses cinquenta anos de trajetória da Teologia da Libertação muitas obras foram produzidas, tanto por parte de teólogos integrantes do movimento quanto por comentaristas e críticos, brasileiros, latino-americanos e de outras nacionalidades do globo. E para reforçar a importância desse movimento, diversas outras publicações estão sendo produzidas, além de uma agenda acadêmica de debates e discussões².

O objetivo deste artigo é apresentar um panorama da trajetória de articulação de teólogos e intelectuais em torno das ideias libertárias elaboradas pela Teologia da Libertação no âmbito da América Latina.

O artigo está estruturado da seguinte maneira, num primeiro momento, apresenta-se a configuração inicial da Teologia da Libertação, comentando os seus principais pressupostos investigativos, éticos e relativos à uma práxis comprometida com as minorias oprimidas. Num segundo momento, apresenta-se a trajetória de articulação do movimento teológico-intelectual no Brasil e em outros países latino-americanos. E, em seguida, comenta-se sobre como os objetos de sua preocupação foram se modificando ao longo dos anos e como eles podem ser identificados com os pressupostos do paradigma decolonial e intercultural atualmente em voga nas ciências humanas.

A constituição da Teologia da Libertação

A teologia latino-americana da libertação é um movimento intelectual, teológico e pastoral de cunho ecumênico, originado no hemisfério sul – na periferia da Igreja, voltado à uma práxis engajada politicamente e associada à uma reflexão de caráter crítico e transformador, que visa a libertação dos povos oprimidos de sua condição de opressão, numa acepção que assume os mais amplos sentidos.

O contexto de surgimento da TdL era marcado por acirradas desigualdades sociais, em que um grande contingente de pessoas se encontrava na condição de pobreza material. A América-latina era tida como Terceiro Mundo³ e sua economia, cultura e política eram subalternizadas.

Certas iniciativas precederam a sua formação, considera-se que a atuação da Ação Católica⁴ (AC) e do Movimento de Educação de Base (MEB) corroboraram para a concepção

² Como o caso das Jornadas Latino-americana da Libertação, organizada pela PUC- Campinas.

³ Vale ressaltar que, “O Terceiro Mundo não foi inventado pelas pessoas que habitam o Terceiro Mundo, mas por homens e instituições, línguas e categorias de pensamento do Primeiro Mundo.” (MIGNOLO: 2017, p. 19)

⁴ A Ação Católica se desdobrava em diferentes frentes de atuação, como a JAC (Juventude Agrária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica), a JIC (Juventude Independente Católica), a JOC (Juventude Operária Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica).

da TdL. Pois, na medida em que a AC se distanciava do episcopado conservador e se aproximava do corpo ideológico da esquerda, optando pela adoção de diretrizes revolucionárias, e a partir do momento em que o MEB se constitui enquanto uma iniciativa político-pedagógica de atenção aos oprimidos, corroborando para a transformação de suas realidades socioculturais e para a emancipação das suas consciências, as bases de uma práxis comprometida com as camadas excluídas da população brasileira foram lançadas.

Além das iniciativas de educação popular inspiradas na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e levada à cabo por intelectuais engajados, esse contexto contava, igualmente, com a atuação das Ligas Camponesas, dos sindicatos de trabalhadores e dos movimentos estudantis, responsáveis por conferir organicidade às ideologias libertárias, que extrapolavam a mera reflexão teórica, ao passo que, se comprometiam com uma práxis efetiva de cunho transformador.

Diversos autores buscaram descrever analiticamente o surgimento da Teologia da Libertação. Para a composição deste artigo foram acionadas as contribuições de: Albuquerque (2016), Dussel (1999), Gómez (2008), Libânio (2001), Leonardo Boff (1980), Susin (2013), Moreira (2014), entre outros. Desse modo, busca-se apresentar a trajetória da TdL.

O termo “Teologia da Libertação” foi utilizado publicamente pela primeira vez em uma conferência proferida por Gustavo Gutiérrez em um encontro de teólogos realizado em Chimbre, no norte do Peru, em 1968. (ALBUQUERQUE, 2016)

O surgimento da TdL está associado à iniciativa de intelectuais, vinculados às Igrejas em exílio político, engajados na interlocução social e nas lutas por transformações substanciais na qualidade de vida dos oprimidos. Vale ressaltar que a, TdL “[...] foi precedida por movimentos sociais, especialmente movimentos de alfabetização e de direitos humanos.” (SUSIN, 2013, p. 1679)

Contudo, o primeiro encontro da TdL, utilizando desta denominação, ocorreu na cidade de Bogotá, em 1970, e também no ano seguinte, 1971. A obra de Gustavo Gutiérrez, “Teologia da Libertação: perspectivas” (1975/1983) – anterior à Conferência de Medellín⁵, é considerada como responsável por dar o pontapé inicial para a formação do movimento, tida, portanto, como o marco de abertura para a consolidação da TdL. O padre Libânio, inclusive,

⁵ “A segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, celebrada na cidade de Medellín, na Colômbia, de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968, pode, seguramente, ser chamada de o maior evento eclesial do continente no século XX.” (GODOY; JÚNIOR: 2017, p. 7) O contexto histórico e sociocultural que impulsionou a criação da TdL remete à Assembleia dos Bispos latino-americanos realizada na cidade de Medellín, na Colômbia, em 1968. Conforme expõe Susin (2013), [...] aquela primavera de Medellín aconteceu num ano em que se sucederam a primavera de Paris, de Praga, de Woodstock. Na América Latina não tinha passado um ano ainda do assassinato de Che Guevara, e estávamos entrando nos anos mais sombrios das ditaduras que manchavam de sangue praticamente todo o continente por quase três décadas. (p. 1680)

considerada o livro de Gutiérrez como “programático”, pois segundo ele, a obra caracteriza-se por postular uma metodologia propositiva, mais que uma concepção teológica estrita.

Sabe-se que a TdL é responsável pela criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s). Nestes espaços, por meio da educação popular que conferiu às massas o acesso à alfabetização, camponeses e operários conquistaram o direito ao voto impresso e passaram a atuar como cidadãos participantes da esfera democrática, interferindo, por conseguinte, nos rumos da política. Os sujeitos assistidos pela TdL nas CEB’s tornaram-se reconhecidos, simultaneamente, como sujeitos e como atores da transformação social. (SUSIN, 2013)

O que motivava o engajamento desses intelectuais libertários, era antes de qualquer coisa um apego teológico aos ensinamentos de Cristo. Tal como coloca Enrique Dussel, importante intelectual vinculado à TdL,

A teologia da libertação surge, então, não por um prurido academicista de originalidade, ou pelo prazer do criticismo, nem por uma intenção de negação da Igreja em sua hierarquia, em sua institucionalidade, etc., surge, muito pelo contrário, para preencher a necessidade de suprir esquemas ‘teológicos’ insuficientes, não adequados para acompanhar e fazer crescer a ‘fé’ do cristão numa época de crise, de profundos conflitos, e até em situações revolucionárias frequentemente. (DUSSEL, 1999, p. 74)

A teologia latino-americana cristã, desde suas origens, apresenta traços contestatórios e de caráter libertário. Albuquerque (2016) coloca que, sua motivação histórica aparece associada a uma retomada dos fundamentos bíblicos. Pois, a TdL carrega intrinsecamente o sentido de esperança, mantendo-se, portanto, “fiel à Escritura e ao espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II” (p. 291).

O Concílio Vaticano II (1962-1965) e os encontros episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979) foram uma resposta da Igreja às demandas impostas pela modernidade, que percebeu a necessidade de adequar-se e estabelecer um diálogo com o mundo moderno. Pois, “[...] o sentido de aproximação dialogal com o mundo no contexto periférico exigia a tomada de posição ante os problemas concretos através de uma práxis.” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 293)

Nesse sentido, o Concílio Vaticano II foi uma iniciativa de sistematização de ação eclesial, que já vinha sendo concebida desde o final da Segunda Guerra Mundial. A Conferência de Medellín utilizou como referencial as pesquisas produzidas pelo CELAM. Tais pesquisas, trataram de descrever a realidade sócio-política-econômica-cultural e religiosa da América Latina, evidenciando a demanda por uma intervenção que extrapolasse a reflexão teológica e se engajasse em uma práxis revolucionária.

Os teólogos da libertação postulavam que o conhecimento produzido pelo senso comum deveria ser considerado relevante. Através das CEB's, da Ação Católica e seus desdobramentos, das Ligas Camponesas, dos sindicatos de trabalhadores, entre outros, uma teologia de caráter libertário passou a ser admitida como estratégia político-espiritual para uma projeto de emancipação das consciências contra as agruras da opressão e dos processos de subalternização.

A TdL trata de uma dimensão sociocultural libertadora da fé. A crença espontânea do povo oprimido, importa para além de uma mera manifestação “folclórica”. Seus valores, seus sentidos, suas expressões, sua representatividade passam a ser considerados não mais como inferiores, caricaturas do atraso, mas tidos como relevantes, sob o ponto de vista da singularidade que engendram junto à religiosidade que professam. A religiosidade popular passa assim, a ser encarada como produtora de conhecimentos ontológicos legítimos, pois trazem à tona o conhecimento produzido pelo povo.

Libânio (2001) coloca que a Teologia da Libertação recebeu esse nome em função de versar sobre a fé cristã e que surgiu na América Latina, em razão da condição de subalternização que a Igreja se encontrava no continente naquele momento. Sob o perspectiva, o que estava em jogo era uma contraposição à opressão vivenciada pelos países do que era então consenso considerar como Terceiro Mundo.

A motivação da luta contra a opressão é pautada pelos pressupostos bíblicos, embasada no amor e atenção aos pobres, os desvalidos, as mulheres, as viúvas, os órfãos, os estrangeiros, entre outros sujeitos marginalizados da sociedade. De modo que, a concepção de “pobre” se encaixava em uma categoria teológica pautada pelo evangelho de Jesus Cristo. Uma vez que,

A opção pelos pobres assumida pela Igreja em sua criativa recepção do Vaticano II na periferia do mundo tornou-se um *leitmotiv* e princípio hermenêutico fundamental no afazer teológico de cunho libertador. Esta opção implica uma experiência espiritual que acompanha todo o processo de compromisso concreto de solidariedade com os humilhados e a reflexão teórica que se desenvolve a partir dessa práxis. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 293)

Contudo, o objetivo não era se valer da fé visando atender a interesses de cunho político, conforme defende Leonardo Boff (1980), em suas palavras, “Não se trata de instrumentalizar a fé e o Evangelho para fins políticos; trata-se de resgatar as dimensões sociais presentes na fé e no Evangelho [...]” (p. 215).

O movimento intelectual, pastoral, ecumênico, libertário e transformador englobou diferentes categorias de atores e pensadores, tais como os teólogos: Leonardo Boff, Clovis

Boff, Joseph Comblin⁶, João Batista Libânio; os sacerdotes: Pedro Casaldáliga, Hélder Câmara, Paulo Arns; os protestantes: Emílio Castro, Júlio de Santa Ana, José Miguez Bonino, Rubem Alves, intelectuais mulheres como Ivone Gebara e a pastora metodista Nancy Cardoso, tida como importante representante da causa feminista na TdL. Bem como, contou com expressivos representantes em outros países da América Latina, como: “Juan Luis Segundo no Uruguai, Jon Sobrino e Ignacio Ellacuría em El Salvador, Gustavo Gutierrez no Peru, Elsa Tamez na Costa Rica, Enrique Dussel na Argentina” (CARVALHAES; PY: 2017, p. 343)

Articulações latino-americana em torno da Teologia da Libertação

O contexto de surgimento da TdL foi marcado por desigualdades sociais, em que um grande contingente de pessoas se encontrava marginalizada na esfera política de tomada de decisões, bem como subalternizada economicamente. A América-latina, berço de antigas colônias, agora era tida como Terceiro Mundo, cujo processo de colonialidade se mantinha.

A experiência de participação popular na esfera política, propiciada pelas iniciativas do MEB, na década de 1960, que levaram à cabo a Pedagogia do Oprimido e conseguiram que um contingente significativo de pessoas fossem alfabetizadas e assim, alcançassem o direito à exercer sua cidadania através do voto impresso, pela atuação das pastorais sociais da Igreja⁷, que inspiradas pelos pressupostos teológico-epistemológicos da Teologia da Libertação implementaram uma práxis voltada à um empreendimento de emancipação das consciências acerca das agruras da dominação.

Houve encontros organizados em âmbito latino-americano que precederam o surgimento da TdL, tais como a reunião de teólogos realizada em Petrópolis-RJ – Brasil, em 1964, que por sua vez, foi seguida das reuniões de Havana – Cuba, Bogotá – Colômbia e Cuernavaca – México, em 1965, além de Montreal e Chimbote – Peru, 1967, em que muitos dos teólogos envolvidos estavam também vinculados à Conferência Latino-americana de religiosos (CLAR), além do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAR). (BRIGHENTI, 2018)

⁶ Joseph Comblin é um doutor em teologia, professor e padre, de nacionalidade belga e radicado no Brasil que lecionou em diferentes universidades no Brasil e no Chile, bem como foi perseguido pelas ditaduras militares dos dois países.

⁷ Dentre as diversas pastorais sociais da Igreja Católica, destaca-se: A Comissão Pastoral da Terra (CPT) – diretamente relacionada ao Movimento Sem Terra (MST); a Pastoral Operária – vinculada à luta sindical e à economia solidária; a Pastoral da Saúde – responsável por implementar os Conselhos de Saúde; a Pastoral do Negro; a Pastoral da Mulher Marginalizada; a Pastoral da Criança e a Pastoral da Fé e Política.

A TdL foi se estruturando através de vários encontros organizados no âmbito da América- latina, tais como assembleias, reuniões pastorais, seminários, publicações, responsáveis por articular intelectuais em torno de uma ideologia/teologia libertaria, em que forma definidas uma série de problemáticas e pautas de trabalho junto à sociedade e cujo mote central é a luta anticolonial.

Assim, a partir dos anos 1960 uma rede de intelectuais engajados nas causas dos povos oprimidos passou a refletir acerca do papel da religião em relação à política, à economia e à cultura. Tal rede possibilitou que esse teologia alcançasse novos *loci* de enunciação e inspirasse epistemologicamente novos pesquisadores e críticos, lançando as bases de uma perspectiva decolonial. Desse modo,

Essas teologias da libertação conseguiram dar em maior ou menor grau, um caráter internacional, ecumênico, interdisciplinar, inter- gênero, transnacional e até mesmo inter-religioso, à sua atuação. (MOREIRA: 2014, p. 29)

Suas principais pautas eram a luta contra os processos de opressão e subalternização do continente, que não cessam de apresentar novas demandas, que envolvem problemas decorrentes da colonialidade do poder, do saber e do ser.

A Teologia da Libertação e o paradigma decolonial

O pensamento moderno operou um reducionismo arbitrário ao campo de conhecimentos da religião que, em contrapartida, paradoxalmente, articulou movimentos de resistência dentro da própria Igreja, como o caso da TdL – voltada não só à reflexão teórica e à crítica, mas ao enfrentamento das imposições do sistema mundo europeu e sua respectiva cosmologia cristã canonizada através do desenvolvimento de novas epistemologias sensíveis à diversidade religiosa, às espiritualidades agnósticas, às subjetividades dos sujeitos que operam seus próprios arranjos entre diferentes tradições religiosas. Desde as iniciativas de promoção da educação popular junto às CEB's e a abertura à alteridade, um olhar para as minorias e para as suas construções passa a ser desenvolvido.

A partir de 1964 um grupo de teólogos se dá conta de que a teologia veiculada no continente não passava de mera reprodução descontextualizada e, portanto, arbitrária da teologia eurocentrada e, como contrapartida crítica, entendeu-se que promover uma revisão dos pressupostos da teoria de dependência e de suas intrínsecas relações de colonialidade seria imprescindível para os processos de libertação almejados. As ciências sociais que se

institucionalizam nas universidades brasileiras nesse período tratam de abordar aos temas da dependência e a confrontá-los com as perspectivas libertárias e embasadas na práxis.

A práxis libertadora levada à cabo pelos intelectuais católicos engajados nas lutas por transformação social envolvia a valorização da religiosidade popular, bem como o reconhecimento da existência de outras denominações religiosas no campo religioso brasileiro, demonstrando-se capaz de comprometer-se com a abertura a um acolhimento da alteridade. Assim, considera-se que a Teologia da Libertação contribuiu para a conformação de um pensamento decolonial e intercultural articulado no âmbito da América- Latina.

Diante do problema do individualismo que desponta com o advento da modernidade, o discurso libertário que se desenvolve busca centrar-se na ação comunitária em detrimento da teologia tradicional e sua respectiva defesa da salvação individual.

Assume-se que as manifestações do sagrado expressas por meio da fé dos indivíduos e grupos sociais são resultado de um construto sociocultural humano. Assim, a modernidade suscitou o desafio de acolher a afirmação dos sujeitos individuais e suas respectivas subjetividades, eles passaram a ser reconhecidos enquanto atores sociais portadores de suas peculiaridades de crença, isto é, precisou abrir-se para o acolhimento da alteridade.

Percebe-se que a Teologia da Libertação se desdobrou em várias frentes de atuação. “A clássica Teologia da Libertação desdobrou-se em várias vertentes formando uma pluralidade necessária.” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 290) As várias teologias da libertação decorrem de iniciativas relativamente autônomas, igualmente, inspiradas nos princípios bíblicos e que têm em comum uma “práxis concreta da comunidade de fé” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 291).

Pesquisadores brasileiros se dedicaram a refletir sobre a associação entre Teologia da Libertação e decolonialidade. Dentre eles destaco as contribuições de Claudio de Oliveira Ribeiro (2020).

Na atualidade a TdL é caracterizada por ter ampliado o seu escopo de atuação ao incluir as questões ecológicas, de gênero, étnicas, feministas etc., ao seu entendimento de “opção pelos pobres”. Haja visto que, o próprio evangelho de Jesus Cristo, por si só já denota a preocupação com os pobres e oprimidos.

Entende-se que a religião cristã não é superior às cosmologias dos povos originários, pois reconhece-se que ela apenas se apresenta a partir de contextos socioculturais e temporais distintos. Tampouco, descarta-se a centralidade da fé cristã nas culturas latino-americanas. Assim, uma perspectiva pautada pela interculturalidade é construída.

Para além das demandas socioculturais, percebe-se o reconhecimento da necessidade de um resgate da espiritualidade oprimida ao longo do processo de colonização e colonialidade. Percebe-se a indispensabilidade de se conferir atenção ao sagrado velado nas instituições, ao sagrado pré-colonizado e ao sagrado que resiste à despeito dos dogmas da religião. Faz-se mister a (re)significação do sentimento religioso como força motriz da transformação instrumental-metodológica e as ciências da religião passam a ser consideradas a disciplina ideal para dar conta dessa problemática.

A TdL se expandiu e encontrou ressonâncias em outros contextos, seus desdobramentos envolvem as teologias: feministas, indígenas, gay e queer, a ecológicas, envolve a teologia da libertação animal, posicionando-se contra o antropocentrismo e o especismo. (SUSIN, 2013) Isto é, ela trata agora de uma amplitude de temas, provenientes de uma variedade de perspectivas e *loci* de enunciação.

Na atualidade a TdL se depara com problemas tais como: “a modernidade e a pós-modernidade, a pobreza abrangente na humanidade, a pluralidade das religiões, o diálogo inter-religioso, a questão de gênero e a problemática ecológica.” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 302)

Além dessas problemáticas elencadas, acrescenta-se ainda, as questões de opressão socioeconômicas e culturais que se atualizam sem, no entanto, cessar os processos de acirramento das desigualdades, como a questão da fome, que se intensifica novamente, a questão dos fundamentalismos, o negacionismo, a postura anti- ciência, a falta de informação, a disseminação de fake News, o culto à ignorância etc. Haja visto que, a TdL não desapareceu, apenas encontrou outras estratégias de mediações, dando prosseguimento à sua empreitada intelectual, pastoral e prática por libertação.

Diante da questão epistêmica, percebe-se uma inclinação à adoção dos princípios da interculturalidade. Uma vez que, a proposta epistêmica do paradigma decolonial aliada aos pressupostos da Teologia da Libertação, partem da construção de um conhecimento que associa os saberes produzidos pelo senso comum à um aparato instrumental transdisciplinar, comportando interpretações sobre as dinâmicas religiosas e socioculturais, político, econômicas dispostas em vários níveis de compreensão além de apontar para a demanda de desenvolvimento de uma práxis efetiva junto à comunidade.

A libertação das relações interculturais da prisão da colonialidade implica também na liberdade de todas as pessoas, de optar individual e coletivamente em tais relacionamentos; uma liberdade de opção entre as diversas orientações culturais. E, sobretudo, a liberdade para produzir, criticar, trocar e intercambiar cultura e sociedade. Em parte, finalmente, do processo de libertação social de todo poder

organizado que alimenta a desigualdade, a discriminação, a exploração e a dominação (QUIJANO, 2016, p. 70).

A TdL alia-se à lógica intercultural na medida em que adota a transdisciplinaridade⁸ e vale-se da diversidade cultural. Desse modo, assume a pauta do pluralismo religioso, reconhecendo não só a relevância da religiosidade popular quanto as cosmologias dos povos originários, das novas espiritualidades, das religiões monoteístas tradicionais, as religiões asiáticas, as comunidades evangélicas, protestantes e pentecostais, as religiões de matriz africana etc.

A perspectiva da interculturalidade implica a necessidade de relativização cultural. Pois, ao passo que percebe-se um desenraizamento das manifestações religiosas tradicionais, percebe-se a dupla, tripla ou seja quantas forem pertencas religiosas simultâneas. No mundo globalizado inevitavelmente as religiões se cruzam, se trocam e se permeiam. E, nesse ínterim, na mesma medida em que podem fundirem-se em sincretismos, podem diferenciar-se radicalmente.

Considerações finais

Conforme discutiu-se a Teologia da Libertação foi um movimento político-social intelectual e teológico que visava refletir sobre a condição do oprimido nas sociedades brasileira e latino-americana, apontando e implementando estratégias viáveis de enfrentamento da condição de opressão por meio de discussões que envolvem o campo epistêmico e teológico da religião. Contudo, mais do que com o aspecto teológico das explicações bíblicas acerca do fenômeno religioso, a Teologia da Libertação se preocupou com os aspectos sócio-político-culturais que envolviam a opressão de minorias. E, desse modo, procurou retomar as utopias libertadoras ao elaborar diálogos com minorias de gênero, geográficas, étnicas, de classe etc.

A TdL assume a postura de adoção de “contra condutas”, que visam interromper o avanço do neoliberalismo, propondo uma reflexão que apresenta um novo humanismo. Trata-se de uma atuação engajada diante de um novo humanismo político e econômico, que almeja aplicar o evangelho de Cristo no que diz respeito à atenção aos pobres e oprimidos. E isso ocorre a partir de iniciativas que buscam ultrapassar a distinção entre teoria e prática.

⁸ Segundo coloca Gilbraz Aragão (2013), “A transdisciplinaridade [...] engendra uma atitude trans-cultural e trans-religiosa. A atitude trans-cultural designa a abertura de todas as culturas para aquilo que as atravessa e as ultrapassa, indicando que nenhuma cultura se constitui em um lugar privilegiado a partir do qual podemos julgar universalmente as outras culturas, como nenhuma religião pode ser a única verdadeira- mesmo que cada uma possa experimentar como absolutamente verdadeira e universal.” (p. 1720)

O novo mundo, isto é, a América Latina, desde os primeiros processos de colonização apresentou a contrapartida crítica e propositiva de teologias que buscavam apresentar compreensões libertárias, isto é, que advogavam a favor das minorias e massas subalternizadas e oprimidas. Pois, a liberdade é encarada como um valor fundamental à vida humana.

A liberdade proposta pela TdL se apresenta no sentido de autonomia, de emancipação das agruras da opressão, pode ser encarada como uma virtude que envolve as motivações por um comprometimento com a perspectiva decolonial e intercultural. Dado que, importa a promoção de uma salvação espiritual, alcançada por meio do fomento às práticas de solidariedade e liberdade. Trata-se de amparar os desamparados do sistema, reconhecer sua voz ativa e o valor de sua cultura e libertá-los das agruras da opressão.

A TdL para além de uma teoria político-científica é uma teologia, pautada nos princípios bíblicos do Evangelho de Jesus Cristo e, que por sua vez, remete à interpretação que os sujeitos religiosos fazem de sua relação com o sagrado. O discurso teológico libertário envolve a utópica esperança de emancipação integral do homem com relação à diversas formas de opressão, como as culturais, as religiosas, as econômicas, as geográficas, as políticas, as sociais.

A fé tanto quanto os aspectos da vida cotidiana dos pobres eram tomados como objetos de estudo e motivadores da práxis de sujeitos históricos inseridos em seus próprios processos de transformação e conscientização.

A TdL se demonstra capaz de incorporar as demandas da atualidade e diante de seu cinquentenário se vê motivada a retomar sua vocação de união da América Latina em torno de temas decoloniais e interculturais e acima de tudo, libertários.

Considera-se que o movimento resistiu à despeito das crises que enfrentou e que, atualmente, existem várias teologias da libertação, que se apresentam mediante a pluralidade de contextos de enunciação existentes.

Referências

ALBUQUERQUE, Francisco das Chagas de. **Teologia da Libertação na pós-modernidade: contribuições à humanização**. Perspectiva Teológica. v. 48, nº2, p. 289-316, mai./ago., 2016. Disponível em:

file:///C:/Users/flavi/Downloads/TEOLOGIA_DA_LIBERTACAO_NA_POS-MODERNIDADE_CONTRIBU.pdf. Acesso em: 17 jul. 2022.

ARAGÃO, Gilbraz de Souza. **A libertação desdobra-se em diálogo?** Teologia da Libertação e diálogo inter-religioso. Horizonte, v. 11, n. 32, out./dez., 2013. pp. 1710-1726. Disponível em: file:///C:/Users/flavi/Downloads/A_libertacao_desdobra_se_em_dialogo_Teol.pdf.

Acesso em: 02 set., 2022.

BRIGHENTI, Agenor. **Medellín e Teologia da Libertação**: muito mais que uma relação histórica. Horizonte, v. 16, n. 50, mai./ ago., 2018. pp. 544-575. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p544>. Acesso em: 03 out. 2022.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

CARVALHAES, Cláudio; PY, Fábio. **Teologia da Libertação**: história, temas e nomes, mar., 2017. pp. 340-264. Disponível em:

file:///C:/Users/flavi/Downloads/TEOLOGIA_DA_LIBERTACAO_HISTORIA_TEMAS_E.pdf Acesso em: 02 set., 2022.

DUSSEL, Enrique. **De Medellín a Puebla**. Una década de sangre y esperanza. México: Ed. Eicol, 1979.

DUSSEL, Enrique. **Teologia da Libertação**: um panorama de seu desenvolvimento.

Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **Pedagogia da Libertação em Paulo Freire**. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GODOY, Manoel; JÚNIOR, Francisco de Aquino. **50 anos de Medellín**: revisitando os textos, retomando o caminho. São Paulo: Paulinas, 2017.

GÓMEZ, Salustiano Alvarez. **A Teologia da Libertação na América Latina**. Cadernos de História, v. 10, nº13, dez., 2008. pp. 24-46. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernohistoria/article/view/942>. Acesso em: 02 jun. 2022.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. [Teología de la Liberación]. 4ªed. Petrópolis: Vozes, 1983 (1975).

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Formação da consciência crítica**. Subsídios filosóficos culturais. Petrópolis: Vozes; CRB, 1984.

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje**. Epistemologias do Sul, v. 1, n.1, 2017. P. 12-32. Disponível em: <file:///C:/Users/flavi/Downloads/moliveira,+772-2645-1-CE.pdf>. Acesso em: 06 out. 2022.

MOREIRA, Alberto da Silva. **Religião politizada contra violência institucionalizada**: a Teologia da Libertação no imaginário religioso mundial. Horizonte, v. 12, n. 33, jan./ mar., 2014. p. 12-42. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n33p12>.

Acesso em: 05 out. 2022.

PAGÁN, Luis Rivera. Racionalidade teológica e cultura cristã: uma alternativa latino-americana. In: DUSSEL, Enrique; (*et al*); PIXLEY, Jorge (Coord.). **Por um mundo diferente**: Alternativas para o mercado global. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

PANOTTO, Nicolás. **De otros saberes y conocimientos** – otros. Teología Práctica

Latinoamericana. Vol. 1, n. 2, jul./ dec., 2021. pp. 15-34.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad-racionalidad. In: PALERMO, Zulma;

QUINTERO, Pablo (Coord.). **Aníbal Quijano**: textos de fundación. Buenos Aires: Editorial:

Ediciones del Signo, 2016.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Princípio pluralista e fundamentalismo religioso. *In*: ARAGÃO; Gilbraz; VICENTE, Mariano (Orgs.). **Desafios dos fundamentalismos**. Recife: Observatório Transdisciplinar das religiões no Recife, 2020. pp. 12-64.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **O novo significado da “opção pelos pobres” na Teologia da Libertação**. Tempo social- revista de sociologia da USP, v. 25, nº1, jun., 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/pmBW64JFdBPkcHFG9tGgb8h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SUSIN, Luiz Carlos. **Teologia da Libertação**: de onde viemos, para onde vamos? Horizonte, v. 11, nº32, p. 1678-1691, out./dez., 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/flavi/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Teologia-da-Liberta%C3%A7%C3%A3o/Teologia da Libertacao de onde viemos para onde va.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

Artigo recebido em: 18 de abril de 2020.

Artigo aceito em: ___ de ___ 2020.

Artigo publicado ___ de _____ de 2020.